

A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E DA APRENDIZAGEM

Wendel de Oliveira¹
Ana Regina e Souza Campello²

Resumo: A importância da língua de sinais brasileira na aquisição da linguagem e da aprendizagem diz respeito ao estudo da importância de se manter a cultura surda dentro das instituições de ensino, para que o aluno surdo venha a ter um bom desempenho educacional e social. Utilizando a técnica da metodologia de investigação qualitativa, que é a observação participante, na educação do surdo e todos os parâmetros necessários para que ocorra a aquisição da língua de sinais, como a primeira língua e a língua portuguesa, que é considerada a sua segunda língua oficial. Chega-se à conclusão que se faz necessário a prática e utilização da língua de sinais brasileira e tudo que envolve a cultura surda dentro da instituição de ensino, para que ocorra um melhor desempenho educacional desse aluno surdo.

Palavras-chave: Balbucio, Libras, Aquisição de Linguagem, Família.

THE IMPORTANCE OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE IN THE ACQUISITION OF LANGUAGE AND LEARNING

Abstract: The importance of Brazilian Sign Language in the acquisition of language and learning is related to the study of the importance of maintaining the deaf culture within educational institutions, so that the deaf student will have a good educational and social performance. Using a technique of qualitative research methodology, which is participant observation, in the education of the deaf and all the parameters necessary for the acquisition of sign language, such as the first language, and the Portuguese language, which is supposed to be his second official language. It is concluded that it is necessary to practice and use Brazilian Sign Language and everything that involves the deaf culture within the educational institution, in order to achieve a better educational performance of this deaf student.

Key words: Babbling, Brazilian Sign Language, Language Acquisition, Family.

¹ Professor de Libras da Universidade Federal de Rondônia. Mestrando em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Professora do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e orientadora do Mestrado CMPDI – UFF.

LA IMPORTANCIA DE LA LENGUA DE SEÑAS BRASILEÑA EN LA ADQUISICIÓN DEL LENGUAJE Y DEL APRENDIZAJE

Resumen: La importancia de la lengua de señas brasileña en la adquisición del lenguaje y del aprendizaje está relacionada con el estudio de la importancia de mantener la cultura sorda dentro de las instituciones educativas, para que el estudiante sordo tenga un buen desempeño educativo y social. Utilizando una técnica de la metodología de investigación cualitativa, la observación participante, en la educación de sordos y todos los parámetros necesarios para la adquisición de la lengua de señas, como la primera lengua y la lengua portuguesa, que se considera su segunda lengua oficial. Se concluye que es necesario practicar y utilizar el lenguaje de señas brasileño y todo lo que involucre a la cultura sorda dentro de la institución educativa, para lograr un mejor desempeño educativo de este estudiante sordo.

Palabras clave: Balbuceo, Libras, Adquisición de Lenguaje, Familia.

Introdução

A escolha desta temática está fundamentada na importância da aquisição da língua de sinais brasileira para a criança surda, desde os primeiros meses de vida. A partir do balbucio, podemos perceber a necessidade que há em se ter uma língua natural e gestual (um dos princípios comunicativos para se firmar na sua língua de sinais), pois é neste momento que o bebê surdo começa a se expressar de diversas formas através dos movimentos das mãos. Sendo assim, a inicialização da linguagem através dos gestos, neste período, faz com que a criança surda venha a adquirir com mais facilidade a sua segunda língua, inserida nos anos iniciais dentro da escola.

Uma vez que a Política Educacional vigente tem como princípio básico a “Educação para todos”³ (1990) e como meta principal a inclusão, preferencialmente, no ensino regular, de alunos com necessidades educacionais, incluindo os alunos surdos, as escolas do ensino regular têm recebido esses alunos (surdos), porém não oferecem ainda uma educação de base com a didática voltada totalmente para o bilinguismo⁴. Algumas não têm nem a infraestrutura adequada para receber esses alunos, tampouco a didática específica para a inserção deles no mundo letrado. A pouca quantidade de professores

³ Expressão utilizada a partir da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, conhecida também como Conferência de Jomtien, realizada na Tailândia, em 1990.

⁴ Bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível às crianças duas línguas no contexto escolar. (QUADROS, 1997).

surdos e professores bilíngues é um dos maiores desafios que o aluno surdo enfrenta em uma escola de ensino regular. Existem várias discussões, dúvidas e equívocos ainda no que diz respeito à organização destes espaços, quesito fundamental para que o sujeito nele inserido seja estimulado a desenvolver suas competências e reconhecer sua potencialidade, garantindo sua cidadania. Com o propósito de entender e conhecer as necessidades dos alunos surdos desde o início da escolarização, fundamentamos o nosso artigo. A didática voltada para o aluno surdo vem ser de suma importância para o seu bom desempenho na escola, assim como a utilização da língua de sinais (Libras⁵), não só por ele, como também pelos demais funcionários da instituição de ensino: “Os surdos criaram uma Língua de Sinais, e através dela podem comunicar-se tão bem quanto os ouvintes, pois ela permite a melhor integração entre pessoas surdas e/ou ouvintes.” (RIBEIRO; SANTO, 2008, p. 179).

Buscamos, com este trabalho, fazer com que o universo surdo venha a ser não só conhecido como também respeitado nas diversas áreas educacionais, desde o início da escolarização, com o intuito de encontrarmos respostas que expliquem o baixo rendimento apresentado por estes alunos ao concluírem o ensino fundamental. Muitos saem sem ter conhecimento algum da segunda língua, que é o português, com uma péssima gramática e uma leitura incompreensível socialmente. Durante o trabalho acadêmico, como professor e observador participante, recolhemos o mesmo discurso, ano após ano, de que "o surdo, por não ouvir, não tem capacidade de ler perfeitamente"⁶, no entanto nada é feito para que isso ocorra de uma forma mais voltada para a educação de surdos.

A importância da cultura surda, não só para a pessoa surda como também para a sociedade, passa a ter conhecimento da diversidade cultural que há em nosso país. Entre as diversas culturas existentes no Brasil, também está incluída a cultura surda com todas as suas peculiaridades a serem respeitadas pelo povo brasileiro. Assim, abordaremos, neste trabalho, a releitura e reconceituação da Pessoa Surda e sua importância no que diz respeito à linguagem (como princípio básico da aquisição da língua de sinais) nos primeiros anos de vida do surdo e no decorrer de sua vida. Discorreremos sobre a educação dos surdos em âmbito educacional, a legislação referente à inclusão do aluno

5 Libras: Língua de Sinais Brasileira.

⁶ Comentário tecido pelos professores. Recolhido nas anotações durante a minha função como professor e observador participante.

surdo e sua cultura, a didática pedagógica específica para a educação do surdo e a importância do bilinguismo para a aquisição da leitura e escrita, apresentando no decurso deste artigo o relato e depoimento das observações feitas durante todo o percurso da função como professor nas instituições de ensino público e privado.

Metodologia

Para encontrarmos respostas satisfatórias para o tema, foi necessário realizarmos pesquisas bibliográficas e a metodologia como observação participante, no campo das instituições de ensino como professor, análise documental e revisão bibliográfica. Este estudo se deu através desta metodologia, que melhor se aplica por ter contato no trabalho e com os diferentes atores nas escolas (regulares, especiais e inclusivas) ao longo dos vinte e seis (26) anos como profissional surdo. A fundamentação teórica está em conformidade com os diversos autores:

A Observação Participante é uma metodologia muito adequada para o investigador apreender, compreender e intervir nos diversos contextos em que se move. A observação toma parte no meio aonde as pessoas se envolvem. Por um lado, esta metodologia proporciona uma aproximação ao quotidiano dos indivíduos e das suas representações sociais, da sua dimensão histórica, sociocultural, dos seus processos. Por outro lado, permite-lhe intervir nesse mesmo quotidiano, e nele trabalhar ao nível das representações sociais, e propiciar a emergência de novas necessidades para os indivíduos que ali desenvolvem as suas atividades (MARTINS, 1996 *apud* MÓNICO *et all*, 2017). Para Ezpeleta e Rockwell (1986 *apud* MÓNICO *et all*, 2017), trata-se de "documentar a realidade não documentada" (p. 15).

Para deixar claro o papel como observador participante, os autores explicam:

É uma abordagem utilizada quando o investigador está interessado na dinâmica de um grupo no seu meio natural, e não simplesmente na recolha de respostas individuais às questões. Para prover uma perspectiva holística e natural das matérias a serem estudadas, este método de investigação permite aos investigadores um bom caminho de observação. Contudo, os investigadores não devem permanecer só nesta, apesar de toda a utilidade que ela tem. É conveniente complementar este tipo de investigação com entrevistas ou grupos de controlo. Estas interações mais focalizadas providenciam uma oportunidade para o investigador verificar o seu entendimento das coisas, em comparação com a interpretação daqueles que estiveram a ser observados, e para obter informação adicional e relevante para o estudo (SMITH; DENTON, 2001 *apud* MÓNICO *et all*, 2017).

Cada relato posto no artigo configura como “documento da realidade não documentada” pelo fato da rigorosa praxe científico que omite as ocasiões e acontecimentos existentes na educação de Surdos, enquanto professor e observador participante neste processo. Portanto, a análise dos resultados se dará de forma qualitativa, sendo que as comprovações obtidas no decorrer do projeto serão apresentadas de forma

descritiva.

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é contribuir para proporcionar ao aluno surdo um melhor desempenho didático durante sua vida escolar, através da utilização da sua língua nata; demonstrar que o aluno surdo pode ter um desenvolvimento melhor em sala de aula, se todos os integrantes tiverem acesso à língua de sinais brasileira (Libras); objetivar a importância de uma didática voltada para a educação de surdo em sala de aula inclusiva; apresentar e fundamentar a importância da língua de sinais nos primeiros anos de vida da criança surda, através de experiências e referências bibliográficas; conscientizar as famílias ouvintes que têm filhos surdos e da importância da integração familiar na cultura surda, com total desempenho e participação, além de esclarecer a todos os leitores a importância de se ter uma língua nata, respeitar sua origem e, principalmente, apresentar a comunidade surda ao mundo ouvinte.

Luterman, Kurtzer-White e Seewald (1999) afirmam que a peça chave para o aconselhamento é trabalhar com a autoestima da família, especialmente da mãe, porque é ela que, geralmente, assume a responsabilidade pela educação da criança na maioria das famílias. Os mesmos afirmam que, se a mãe é fortalecida em sua autoestima, geralmente terá uma criança bem sucedida. E com os professores, na sua formação continuada, também tem que ser trabalhada para desmistificar que a criança Surda é um problema patológico, social e cognitivo.

Assim, especificam-se alguns objetivos:

- Enfatizar a importância da língua de sinais brasileira (Libras) nos primeiros anos de vida do surdo;
- Analisar, através de experiências, o contexto do aluno surdo em sala de aula de uma escola inclusiva;
- Identificar o contexto educacional em que está inserido o aluno surdo;
- Delinear o perfil de famílias surdas com filhos surdos e de família ouvinte com filhos surdos;
- Intensificar a importância de uma didática voltada para os surdos nas escolas inclusivas.
- Apresentar e fundamentar a importância da língua de sinais e da comunidade surda dentro da escola.

Fase do desenvolvimento dos bebês surdos e a inserção na cultura surda

Este artigo tem como fundamentação o estudo do desenvolvimento da linguagem nos bebês surdos. Através de estudos pesquisados (QUADROS; LILO-MARTIN;

MATHUR, 2001; LILO-MARTIN; QUADROS, 1997; 2005 e KARNOPP, 2005), foram observadas, nos bebês surdos, duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais, ao contrário da gesticulação, que não apresenta organização interna, mas é o pré-requisito da organização de uma língua a ser adquirida durante o período (QUADROS, 1997; FERNANDES, 2003 e QUADROS; CRUZ, 2011). Conforme já foi pesquisado por eles, os bebês, de forma geral, apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. Segundo Quadros (1997, p.70 - 71), as vocalizações são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

As mesmas autoras explicam que os bebês ouvintes e os bebês surdos têm balbucios, o que pode facilitar aos pais (se eles forem conscientizados no pré-natal ou outras orientações antes do matrimônio) dos bebês a entenderem a linguagem usando o balbucio manual: silábico e da gesticulação. Existem bebês surdos nascidos em família ouvinte, e a geração ouvinte “confunde” o balbucio do bebê como se ele fosse ouvinte. Quando uma família tem um bebê surdo, sem ser diagnosticado com antecedência, não percebe a diferença dos balbucios da criança ainda na fase pré-lingual. O bebê começa a fazer balbucio manual, e a família ouvinte não entende a estratégia comunicativa do bebê. Este é o primeiro passo em que o bebê não está se comunicando com a sua família pela fala, e sim pelos balbucios manuais. Isso faz com que a família, pela incompreensão e desconhecimento acerca da educação, acabe atrasando a comunicação das crianças surdas. Isso acontece muito no “período crítico”⁷ (QUADROS, 2008), especialmente nos balbucios manuais dos bebês surdos, pois os pais não compreendem nem fazem uso de balbucio manual ou da língua de sinais como primeira língua deles.

O balbucio é universal e acontece com todos os bebês, sejam surdos ou ouvintes. Isso é uma capacidade de linguagem que não ocorre através do som e sim também de sinais (QUADROS, 1997). Os bebês surdos e ouvintes podem apresentar o mesmo tipo de balbucio sem som, porque existem balbucios manuais, tanto balbucio silábico e

⁷ É o período sensível ao processo de aquisição de uma língua materna, especialmente em casos de aquisição tardia de línguas de sinais.

gesticulação. Os bebês surdos com pais surdos (dependendo da Identidade Surda) - e vamos citar aqui neste artigo - dos pais Surdos e fluentes em Libras podem sinalizar para indagar ou responder, ou usar as frases em diálogo cotidiano como: “Quer água?”, “Mamãe gosta muito de você.”, “Papai foi trabalhar.” ou outros sinais que o bebê Surdo ou Ouvinte quer usar balbucio manual para responder aos seus pais. Isso também acontece com os intérpretes ou profissionais Ouvintes que são usuários da língua de sinais e têm contato com bebê ouvinte, porque repassam os sinais através do *input* por influência ou através do diálogo comunicativo dos pais. Existe casal ouvinte dentro de casa ou em alguns outros lugares que conversa usando a língua de sinais com o filho Surdo. Igualmente, o casal de pai surdo e mãe ouvinte ou mãe ouvinte e pai surdo com o bebê surdo ou ouvinte, e este olha aos seus pais conversando em língua de sinais e vão tentando conversar ou responder com eles em língua de sinais, através dos balbucios. A maioria dos pais, quando vai dar alimentação aos seus bebês surdos ou ouvintes, brincam de “aviõezinhos”. Quando é dada a alimentação, fazem o sinal. Isso ocorre antes de colocar na boca do seu bebê, vai repetindo várias vezes e o bebê vai entendendo o que seria o seu pedido. Assim, quando os pais vão dar novamente a comida para seus bebês, eles começam a chorar, sinalizando o que eles querem ou não, como resposta, através dos balbucios dos bebês. As coletas dos acontecimentos são os frutos das experiências empíricas durante a trajetória particular e profissional.

Os autores Petitto e Marantette (1991 *apud* QUADROS, 1997) afirmam que, no período pré-linguístico, o balbucio ocorre tanto nos bebês ouvintes quanto nos bebês surdos, uma vez que esse fenômeno é uma capacidade inata, manifestada por sons e por gestos. Sendo assim, os bebês apresentam o balbucio oral e manual até um período, então, os bebês surdos até um determinado período, balbuciam oralmente, do mesmo modo como os bebês ouvintes, até um período, utilizam as produções manuais e depois são interrompidas, já que o *input* em um determinado momento privilegia um modo de balbuciar. Existe uma diferença peculiar entre os bebês surdos e ouvintes: quando o bebê surdo percebe que seu pai ou sua mãe é surdo, ele aguarda até que seu pai ou sua mãe vire para sinalizar; quando o bebê ouvinte sabe que seu pai ou sua mãe é ouvinte, ele chora emitindo o som para chamar atenção.

Observamos que a criança surda de pais ouvintes costuma apresentar uma dificuldade maior na inserção em uma língua, principalmente na Libras. Talvez por essa criança não estar inserida em um contexto onde todos dominem a Libras, muitas vezes só

irá ter contato com outros surdos na fase escolar (ou não). É um desafio para os pais escolherem o que é melhor para os filhos, mas a comunicação linguística tem o seu peso maior. Atualmente, com os implantes auditivos (Implante Coclear⁸), alguns pais se negam a inserir a criança surda em um contexto surdo, por acreditar que o filho surdo irá ouvir. As crianças chegam à fase escolar sem adquirir uma linguagem devido à *negação* (STELLING; STELLING, 2016) desses pais.

A grande maioria das crianças surdas e filhas de pais ouvintes normalmente não conhecem a língua de sinais e muitas vezes nunca viram surdos. Esse fator interfere diretamente no processo de aquisição da linguagem dessas crianças, uma vez que, até os pais tomarem conhecimento da língua de sinais e admitirem o seu uso, as crianças ficam praticamente sem input linguístico. Essas crianças, quando ingressam na clínica ou na escola, descobrem a língua de sinais e a partir daí iniciam o seu processo de aquisição da linguagem, embora tardio (QUADROS, 2011, p 25)

Quando os pais da criança surda são usuários da língua de sinais, seus filhos logo começam a ter uma língua natural e a se comunicar com qualquer pessoa usuária da língua de sinais, assim como uma criança ouvinte que sabe a língua falada e vai conversando naturalmente com outras crianças ouvintes ao seu redor. As crianças ouvintes aprendem a gramática da língua portuguesa escrita e falada; as crianças surdas também aprendem a gramática da língua de sinais e visual e usam o letramento da língua portuguesa através da técnica da soletração do alfabeto manual ou rítmica⁹.

O que ocorre nas escolas inclusivas é a falta de uma didática para educação de surdos, onde não se respeita a sua língua nata, respeitando a língua majoritária do aluno ouvinte. A falta dessa didática para educação de surdos nas escolas inclusivas não só atrasa o processo de aprendizagem desses alunos, como também não os capacitam integralmente ao mundo letrado.

Seguindo o pensamento de Quadros (2011, p. 17), as investigações delineadas até então indicam que as crianças surdas, filhas de pais surdos, adquirem as regras de sua gramática linguística de forma muito similar às crianças ouvintes adquirindo línguas faladas. Assim, na medida em que avançamos nos estudos, verificamos que a constituição da gramática da criança é independente das variações das línguas e das modalidades em

⁸ O implante coclear é um dispositivo médico eletrônico para pessoas com perda auditiva de grau severo a profundo. Ele funciona transformando sons em estímulos elétricos, que são enviados diretamente ao nervo auditivo. Isso significa que ele substitui parcialmente as células danificadas da cóclea.

⁹ Soletração rítmica faz parte da gramática de Libras e ajuda na percepção rítmica, memorização da sequência do alfabeto, nomes, bairros e outros.

que as línguas se apresentam. (QUADROS; LILO-MARTIN; MATHUR, 2001; LILO-MARTIN; QUADROS, 2005).

Quando os pais tomam conhecimento da falta de audição dos filhos ou desconfiam que exista algo diferente, precisam procurar um especialista como fonoaudióloga que trabalha com as perspectivas bilíngues, para não ficarem desinformados sobre como tratar a sua criança surda. No entanto, a maioria dos médicos não entende ou não tem conhecimento sobre a língua de sinais, bilinguismo e cultura surda e, logo, encaminham a criança para um fonoaudiólogo sem perspectiva bilíngue, o que, por sua vez, na maioria, não possui Libras nem conhecimento algum sobre a língua de sinais e a cultura surda.

Atualmente, com a aprovação da Lei número 10.436 e o Decreto número 5626, defende-se que, de acordo com o Capítulo II do artigo 3º do referido Decreto:

Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005).

Isso determina a formação dos fonoaudiólogos para aprender a língua de sinais dos surdos, porém, até a presente publicação do artigo, nem todos têm conhecimento ou sabem a língua de sinais. Nem todas as faculdades e universidades inseriram, na sua grade, a disciplina língua de sinais brasileira (Libras). Como é algo novo na grade universitária e não há uma vigilância quanto à obrigatoriedade, contamos com os estabelecimentos que se conscientizaram e incluíram a disciplina na sua grade. Desta forma, passam a crescer os números significativos dos profissionais de saúde e usuários da língua de sinais brasileira, fazendo com que conheçam a verdadeira identidade e cultura das pessoas surdas do Brasil. Assim, podem tentar minimizar os problemas das crianças surdas com menos de 5 (cinco) anos de idade, antes mesmo que possam vir a aprender o português, que é a língua majoritária no Brasil.

Essa lei abrange toda a área educacional, pois os professores das escolas regulares também precisam aprender a língua de sinais e participar da comunidade surda. A maioria dos professores das escolas regulares são ouvintes. Eles conhecem apenas o mundo e produzem a didática dos ouvintes, não conhecem o mundo e muito menos a didática dos surdos. É importante que os profissionais da educação aprendessem os dois mundos, pois facilitaria o ensino dentro das salas de aula e não iriam ter dificuldades em ministrar aulas em uma turma mista, que tem alunos surdos e alunos ouvintes. A participação efetiva

desses profissionais dentro da comunidade surda faria com que eles entendessem com mais clareza o mundo da “visão¹⁰”, através da prática da língua de sinais.

Atualmente podemos ver festas nas Associações de Surdos ou escolares em que a cultura surda é levada em consideração, presenciando belas apresentações de teatro em língua de sinais, brincadeiras e outras atividades. Percebemos que existe uma união entre os surdos e seus familiares em torno de questões comuns a todos os indivíduos de uma sociedade: educação e cidadania. Isso é um belo início e esperamos que colham mais e melhores frutos no futuro.

Outro aspecto importante que podemos considerar é que cada vez mais os surdos passam a ser responsáveis pelos atos públicos e decisões que vão fazer a diferença na vida de muitos surdos no futuro... Isso nada mais é que o surdo se responsabilizando e sendo o estandarte de suas próprias reivindicações. Um grande passo para a comunidade surda é o reconhecimento nacional de cultura Surda, que está inserida dentro da cultura nacional em nosso país.

As crianças surdas precisam ter conhecimento da diferença que há entre o surdo e o ouvinte, pois até elas compreenderem essa diferença cultural, a maioria vive isolada, brincando sozinha ou brincando com brincadeiras específicas da cultura ouvinte. Mesmo sem saber o objetivo das brincadeiras culturais dos ouvintes (como cirandinha ou canto de coral), as crianças surdas participam assim mesmo, porque elas não querem viver isoladas nem sozinhas. Algumas vezes, durante os conflitos que ocorrem nas brincadeiras dos ouvintes, as crianças surdas não têm noção do que está ocorrendo e acabam ficando dispersas e até perdidas neste momento.

Quando as crianças surdas, que ainda não têm contato com outras crianças surdas, não encontram outras crianças surdas nas festas de ouvintes, elas não têm como ter conhecimento da sua verdadeira identidade e cultura, o que dificulta a constituição identitária¹¹ dos Surdos. Elas acabam ficando confusas, podendo acontecer de algumas delas não terem conhecimento do que é ser uma pessoa ouvinte; também podem não saber a diferença dos seus pais serem ouvintes e ela ser surda. Isso certamente é prejudicial

10 “As pessoas Surdas veem, as coisas são visuais para os Surdos e é pela visão que se acessa tudo” (MCKEE, 2001 *apud* LEBEDEFF, 2017, p. 228).

¹¹ É uma construção identitária Surda que só pode ser conectada através da socialização nos encontros Surdos-Surdos, festas sociais, movimentos sociais, pedagogia visual e muitos outros que são os motivos e meio de inserção e de modificação das relações político-sociais dos surdos no Brasil, como representatividade.

social, cognitiva e emocionalmente, porque pode induzir a criança a pensar que ela não é capaz de realizar seu sonho, principalmente de ser um profissional capacitado como os ouvintes. Ela pode pensar que só os ouvintes podem fazer algo e ela não pode fazer, porque pensa que é só para os ouvintes, sendo que todos os cidadãos brasileiros, independentemente de sua cultura, têm acesso à educação, saúde e trabalho, o que não acontece com as pessoas Surdas.

Desta forma, para que não percamos a nossa língua – Libras -, devemos lutar pelos nossos direitos como cidadãos e fazer valer a lei em todo âmbito educacional e cultural de nosso país, criando dentro das associações as estratégias que promovam o acesso dos pais ouvintes com filhos surdos, a aquisição da cultura surda desde o nascimento desta criança.

Uso da língua de sinais e cultura nas escolas

A escola vem a ser uma instituição criada para a aprendizagem dos alunos intermediados por professores, por força da LDB, Lei número 9394/96. Na maioria dos países, o sistema de educação é formal, pois geralmente são obrigatórios. Existem dois tipos de escolas, sendo elas públicas ou privadas. As escolas podem ser mistas, femininas ou masculinas, o que não é muito comum aqui no Brasil, mas existem algumas. Existem também escolas especiais, que atendem às crianças com necessidades especiais na íntegra, respeitando as suas especificidades. Também existem escolas regulares que incluem crianças especiais em sala de aula regular, com auxílio de um professor de apoio (ou mediador/a). Dependendo da sua deficiência, algumas contam também com sala de recursos, onde os alunos são atendidos por especialistas dentro das suas necessidades, como dita a Lei nº 13.146¹², sancionada em julho de 2015 e vigorada em janeiro de 2016.

Definimos "escola privada" como um negócio promovido por empresários particulares cobrando mensalmente aos pais, responsáveis ou do próprio aluno pelo ingresso na instituição, visando lucro. A educação pública ou "escola pública" é aquela oferecida a todas as pessoas pelo governo, financiados por meio de impostos. São diversos esses sistemas de educação e variam conforme o país, mas usualmente cobre da educação

¹² Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência destinada a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à inclusão social e cidadania.

básica até o ensino superior. No Brasil, esse sistema, na sua maioria, vai da educação infantil ao ensino superior. Em alguns estados, cobrem também as especializações, mestrados e doutorados. As escolas públicas não visam lucro e são custeadas através dos impostos arrecadados pelo governo. As escolas de educação infantil e fundamental, em sua maioria, são custeadas pelos impostos da prefeitura; raras exceções são custeadas pelo governo do estado. As de ensino médio pelo governo estadual, e colégios de aplicação e universidades, pelo Governo Federal.

Ambas as escolas, públicas e privadas, são entidades socializadoras que transmitem as diversas culturas existentes no país. O Brasil, por ser um país de grande extensão territorial e possuir uma miscigenação cultural muito extensa, teve a formação de sua cultura através da junção da cultura indígena, cultura portuguesa e cultura africana, sofrendo também influências da cultura de alguns imigrantes italianos, alemães, açorianos, suíços, prussianos, espanhóis, sírios, libaneses, poloneses, ucranianos e japoneses.

Definimos como cultura um conjunto de conhecimentos, arte, crenças, lei, moral, costumes e hábitos adquiridos pelo ser humano que está inserido naquela determinada sociedade. Sendo assim, a cultura brasileira está marcada pela irreverência e alegria, que se reflete no nosso "samba". Ainda dentro da cultura brasileira, existem outras culturas que mantêm suas especificidades, como: a cultura japonesa, cultura italiana, cultura portuguesa, a cultura surda e tantas outras.

A Cultura Surda existe em vários países e aqui no Brasil é reconhecida não só pela sua língua (Libras), que é fator principal, como também por diversos outros fatores que engloba a Lei Libras, sob o nº 10.436/02. Como a cultura é um conjunto de aspectos bem peculiares vividos pela comunidade, na comunidade surda não é diferente e é através dela que o surdo compreende melhor o mundo, ao ponto de tentar modificá-lo e tornar acessível a toda comunidade: “A cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é o seu revés. Não é uma cultura patológica. (SKLIAR, 1998, p. 28)”.

O surdo vem alcançando patamares inimagináveis graças à "Cultura Surda", pois é através dela que encontra apoio. Como podemos observar na citação de Moura (1996, p. 116), que defende a existência de uma cultura surda:

A forma especial de o surdo ver, perceber, estabelecer relações e valores deve ser usada na educação dos surdos, integrada na sua educação em conjunto com os valores culturais da sociedade ouvinte, que em seu todo vão formar sua sociedade. (MOURA, 1996, p.116).

Baseado na citação de Moura, este artigo vem defender a identidade surda na sua íntegra, fazendo com que surdos e ouvintes compreendam a necessidade da inserção da língua de sinais brasileira (Libras) nos primeiros anos de vida e principalmente na vida escolar do surdo e de todos os envolvidos em sua educação. As escolas públicas e particulares, com a Lei da Inclusão, recebem crianças surdas independentes de estarem ou não inseridas ainda na sua cultura. Existem crianças surdas com pais ouvintes que ainda não possuem o conhecimento de que existe uma cultura específica para o seu filho.

Observamos que algumas salas de aula possuem crianças surdas de várias idades nas séries iniciais, o que certamente pode trazer dificuldades para toda a turma. O ensino na sala de aula acaba interferindo no processo de aquisição da linguagem e na aprendizagem para o surdo. Atualmente existem estratégias desenvolvidas (KARNOPP; QUADROS, 2001), no processo de aquisição da linguagem de sinais das crianças surdas, praticando o diálogo e uso da Instrução da Primeira Língua com as crianças surdas, que vão ser fluentes em língua de sinais brasileira (Libras) de modo natural.

Marques, Barroco e Silva (2013) destacam que a linguagem verbal pode ser expressa pelas vias oral, escrita e gestual, sendo que a língua de sinais usa os meios visuais, espacial e escrita de sinais (STUMPF, 2001) para comunicação. Esses meios são eficientes para comunicação, os quais são utilizados para estabelecer relações com outros surdos, transmitindo ideias, desejos, vontades e acontecimentos, favorecendo a apropriação de conteúdo. Afirmam ainda que a Língua de Sinais Brasileira (Libras) é fundamental para o desenvolvimento do surdo para se tornar humanizado. Desta forma, as crianças surdas com pouco aprendizado acabam descobrindo a sua linguagem e a língua de sinais de forma natural.

Aspectos investigados, que de certa forma as diversas referências bibliográficas e seus resultados mostram, revelam que o ambiente proporcionado por meio da Língua de Sinais Brasileira (Libras), associados a alguns recursos didáticos, principalmente os visuais e instrução da primeira língua dos Surdos, permite estabelecer um canal de comunicação favorável para que os alunos interagissem com seus pares e também com o grupo.

Apesar da diferença linguística que influencia e diferencia o processo de aquisição

de linguagem entre os surdos e ouvintes, pode ser implantado o sistema do bilinguismo, desde que seja respeitado o uso distinto de duas línguas. Este não seria um dos problemas para resolver este dilema. Por exemplo, em 1760, o Abade Charles M. de L'Épée, francês, foi um dos primeiros a estudar a língua de sinais francesa e, ao perceber que tinha bons resultados, desenvolveu um método educacional e o denominou de “Sinais metódicos” (LACERDA, 1998). No entanto, existem instituições de ensino onde os professores ouvintes utilizam a mesma metodologia de ensino das crianças ouvintes para as crianças surdas. Isso acontece na maioria das escolas públicas onde há crianças surdas na sala de aula regular ou mista, o que acaba prejudicando o processo de aprendizagem das crianças surdas.

Desta forma, as crianças surdas não conseguem passar nas séries iniciais e ficam repetindo várias vezes. Acreditamos que isso depende também dos métodos e da metodologia utilizados pelos profissionais ouvintes do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, pois não conhecem ainda os métodos específicos que podem ser utilizados para a aprendizagem das crianças surdas. Observamos, durante a trajetória pedagógica, que os alunos surdos acabam ficando atrasados pela idade... Existem outros locais que têm crianças surdas com idade de 8 (oito), 9 (nove), 10 (dez) e 11 (onze) anos cursando ainda o primeiro ano do Ensino Fundamental. Possivelmente, isso ocorre porque muitos educadores desconhecem a aquisição da linguagem e do uso de instrução em primeira língua (língua de sinais) das crianças surdas, prejudicando, assim, o processo de aprendizagem dos surdos.

Stelling e Stelling (2016, p. 28), em pesquisa de mestrado, mostram que, na sua maioria, as famílias ficam “*em luto*” e não sabem em que escola deve inserir seu filho surdo. As relações de negação do indivíduo surdo começam no ambiente familiar e permeiam o ambiente escolar. A autora Danesi coaduna com o pensamento:

Os pais enfrentam uma situação de desamparo, sem apoio necessário e com falta de informações adequadas, buscando assim a opinião majoritária da sociedade, que reproduz a ideologia contra as diferenças, e reforça o preconceito e impulsiona os pais para rejeição ou para a superproteção de seus filhos (DANESI, 2001, p. 47).

Os pais ouvintes com filhos surdos, em sua maioria, desacreditam no potencial de seu filho, acham que eles são incapazes de adquirir a aprendizagem como os ouvintes e acabam não colocando seus filhos nas escolas públicas ou privadas, deixando-os em casa

com familiares que nada acrescentam. O segundo motivo é que algumas famílias ainda não têm conhecimento que seus filhos estão amparados por lei e, se têm conhecimento do auxílio assistencial, colocam os filhos Surdos como dependentes financeiros e sociais do governo, em proveito financeiro da família. Sendo assim, podemos analisar que as escolas ainda não estão preparadas para receber esse aluno surdo ou até mesmo com qualquer outra deficiência.

Geralmente as famílias ouvintes, durante a gravidez, desejam que o filho esperado seja o mais bonito, perfeito, inteligente e dentro da concepção de “perfeito” entende-se sem nenhum problema (físico, psicológico ou sensorial). Quando se deparam com o diagnóstico da surdez, ainda assim, preservam a esperança de torná-lo “normal”, retornar à perfeição desejada procurando então curar a surdez do filho. Por isso, os pais ficam chocados, deprimidos e sentem culpa por eles terem um filho dito *não normal*. Eles ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito. (STROBEL, 2008).

Segundo a autora, os pais das crianças pensam que há esperança de “cura”, ficam preocupados com a vida de seus filhos que não ouvem as palavras nem os objetos que fazem barulho ao redor do mundo. Os pais ficam completamente frustrados e tristes pensando que não há esperança nem uma resposta definida para o futuro do seu filho que nasceu surdo. Com isso, resolvem colocar na escola regular e não inclusiva, achando que os professores da escola irão fazer um milagre para seu filho ouvir, aprender a se comunicar com eles e ter uma vida normal em uma sociedade de ouvintes. Procuram, recebendo as orientações dos médicos, com a esperança de acontecer um milagre, e isso ocorre em alguns lugares por falta de informação sobre a língua, cultura e identidade surda.

Se for conscientizada, a família pode recorrer à Lei número 10.436/2002 e Decreto 5.626/2005¹³ da língua de sinais brasileira. Isso vai ajudar muito a diminuir esse conflito que a família ouvinte tem, porque terá mais informações e poderá apoiar, nas escolas de ensino fundamental, médio e superior, a implantação das disciplinas da língua de sinais brasileira em sala de aula. Com as devidas informações, os pais ficarão mais aliviados com o futuro de seu filho recém-nascido e das orientações decentes nos hospitais. As famílias ouvintes irão acabar compreendendo que seu filho nascido como pessoa Surda terá uma vida normal, mantendo apenas uma cultura diferente da deles e não ficarão mais

13 Decreto que regulamenta a Lei 10.436/2002

decepcionados e ansiosos com o nascimento de um bebê surdo. O discurso baseado no senso comum: “Será que o meu filho surdo um dia ouvirá?” (STROBEL, 2008, p. 48), certamente, não será mais necessário mediante as informações que passarão a ter, compreendendo que seu filho surdo terá uma visão ampla, com muita atenção em tudo, talvez até melhor que eles.

Poucas escolas no Brasil têm uma metodologia específica para ensino às crianças surdas, bem como a língua de sinais e tudo que envolve a comunidade surda.

Estratégias para aquisição da aprendizagem

Para melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem dos surdos, se faz necessário a utilização de várias estratégias pedagógicas que facilitam o aprendizado em sala de aula, no caso da escrita de língua de sinais. Quadros (1997), Karnopp (2004), Rangel e Stumpf (2004) e Stumpf (2001, 2003) sugerem que as crianças devem adquirir, primeiramente, a língua de sinais brasileira como primeira língua e, em seguida, a escrita da língua de sinais, que representa as formas e os movimentos num espaço definido e possibilita ao surdo aprender a leitura e a escrita própria de sua comunidade. Afirmando que, para as crianças surdas, o aprendizado ocorre principalmente pela percepção visual e não auditiva, ao utilizarem o método de ensino das crianças ouvinte, o aluno surdo acaba tendo dificuldade para adquirir a aprendizagem.

Mesmo que a criança surda seja oralizada e com Identidade Surda Flutuante ou Embaçada¹⁴, este fator pode acabar provocando o atraso do seu processo de ensino-aprendizagem. Observamos também que existem algumas crianças surdas que, através da leitura labial¹⁵ (sem contar com o desempenho e a conscientização linguística da família, mas não são todas), conseguem adquirir a aprendizagem (através do longo processo de

¹⁴ São as características da Identidade Surda e isso define como pessoa que não consegue captar a representação da Identidade Surda e nem da Identidade Ouvinte, são dependentes no mundo dos ouvintes e a sua comunicação é incompreensível, incapacitadas e controladas pelos ouvintes.

¹⁵ Leitura orofacial, ou leitura labial, é a habilidade de compreensão da fala por meio de pistas visíveis que acompanham a articulação da fala na face do emissor (Capovilla *et al.*, 2008).

prática e de estudos em tempo integral), mas o seu processo se assimila, ao mesmo tempo, através da visualidade (CAMPELLO, 2008) de modo natural.

Segundo Capovilla (2002), a pessoa com surdez que é oralizada (ou seja, que consegue articular a fala) é capaz de ler e escrever com maior correção e fluência que aquela que utiliza *apenas* a língua de sinais. Isso não quer dizer que os Surdos não oralizados que usam a língua de Sinais não tenham possibilidade de ser letrado, e sim da ausência da “adequação curricular, aspectos didáticos e metodológicos, conhecimentos sobre a surdez e sobre a língua de sinais, entre outros” (LACERDA, 2006, p. 176), ou seja, Surdos bilíngues. Para valorizar o ensino visual, podem ser feitas brincadeiras, contação de história, diálogos cotidianos visuais usando a primeira língua da criança surda que é a língua de sinais, uma língua visual dos surdos. Toda criança surda tem o direito de aprender com os outros e conviver junto como um cidadão comum, assim como tem que conviver com a sua cultura, para que possa conhecer as diferenças.

A língua de sinais é natural para o surdo, pois é adquirida de forma rápida e espontânea, por isso a criança surda precisa ter acesso à língua de sinais o mais cedo possível, antes mesmo do seu ingresso na escola. Daí a necessidade de a criança surda, filha de pais ouvintes, bem como de sua família ter contato com adultos surdos, usuários de língua de sinais. (KYLE, 1999).

Preparar o aluno surdo para que conheça a si mesmo e ao próximo deveria ser uma obrigatoriedade para todas as escolas. Desta forma, passariam a entender e aceitar que existem diferenças entre surdos e ouvintes. Por isso, há necessidade que exista uma educação que valorize a qualidade comum a todos surdos e ouvintes, começando no início da educação infantil, tanto nas escolas públicas quanto nas privadas. Isso facilitaria a adaptação do ensino na sala de aula, fazendo, desta forma, com que o surdo entenda que sua cultura é diferente e que não há dificuldade. Também, falar um pouco da teoria e história dos surdos para as crianças na escola inclusiva, usando uma linguagem coloquial para que as crianças compreendam a diferença que há entre a cultura surda e a cultura ouvinte, para que as crianças que estão começando a conviver com as diferenças aprendam as novidades da cultura de seus amigos Surdos na sala de aula.

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. (QUADROS, 1997, p. 27).

Mesmo quando uma escola não tenha professores surdos na sala de aula dando aula para as crianças surdas, pode contar com o auxílio de um professor bilíngue, e os

pais das crianças surdas precisam de incentivo e assumir a obrigação e interesse em aprender a língua de sinais, para se comunicarem com seus filhos. Os mesmos não estão acostumados a ver os pais surdos de crianças surdas na escola, que são usuários da língua de sinais. Sendo assim, quando a escola tem um professor surdo que consegue ensinar o aluno Surdo a ler e escrever, os pais devem tomar atitude, mudar seu comportamento dentro de casa ou da própria escola e passar a usar a língua de sinais como um dos fatores importantes na construção linguística das crianças surdas. Para as crianças surdas é importante ter a aprendizagem no momento certo, assim como também é importante para as crianças ouvintes.

Sendo assim é de suma importância que os professores surdos e professores bilíngues elaborem aulas obrigatórias de língua de sinais, para que os pais aprendam não só a língua de sinais, mas a imersão da cultura surda. Importante também é que os pais usem a primeira língua da criança surda, para que depois a criança aprenda com mais facilidade a segunda língua: língua portuguesa, através do letramento visual, formando assim uma família bilíngue, não havendo barreiras de comunicação entre os pais ouvintes e seus filhos surdos.

Os fatores que influenciam no atraso cognitivo da vida da criança Surda que são: atraso da inserção na escola; “negação” da família pensando que é melhor o filho falar com a leitura labial ou “ser ouvinte”; e da ausência da fluência e proficiência dos professores na instrução do ensino-aprendizagem em Libras. Quando a criança surda não tem conhecimento da sua primeira língua, isso acaba fazendo com que ocorra um atraso significativo na aprendizagem da leitura e escrita.

Conclusão

Ao desenvolvermos este artigo associados às experiências vivenciadas em sala de aula, percebemos que o fato de o aluno surdo estar inserido em sala de aula inclusiva não o capacita como um aprendiz. A falta do conhecimento da existência de uma cultura específica pode causar uma série de transtornos, principalmente no que diz respeito à aprendizagem. Notamos que o aluno surdo necessita ter pleno conhecimento de sua língua materna, que é a língua de sinais, para poder ser inserido no mundo da leitura e escrita. Para isso, precisa adquirir uma segunda língua.

A importância de um diagnóstico precoce e a inserção ainda bebê na cultura surda

faz com que essa criança tenha um melhor desempenho educacional. O envolvimento dos familiares e da instituição de ensino com a cultura surda é fator primordial para o pleno desenvolvimento educacional da criança surda. Mas para isso, como percebemos nas páginas anteriores, se faz necessário cumprir a lei em sua íntegra e incluir, nas instituições de ensino, um currículo pedagógico voltado para o aluno surdo.

Notamos que, para desenvolver a capacidade de leitura e escrita do aluno surdo, é necessário que o mesmo tenha pleno conhecimento de sua língua materna, pois essa aquisição se dará em uma segunda língua, que é de total desconhecimento do aluno surdo. Para que ocorra de forma satisfatória, é preciso criar situações sistematizadas de ensino, com direcionamentos e intencionalidade. Ao propor um trabalho bilíngue é necessário identificar as características e funcionalidade de ambas as línguas, necessitamos, para isso, conhecer tanto a língua nacional utilizada quanto a língua de sinais. Fazer uso de um conteúdo pedagógico específico, “adequação curricular, aspectos didáticos e metodológicos, conhecimentos sobre a surdez e sobre a língua de sinais, entre outros” (LACERDA, 2006) com os aspectos referentes à relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento desse aluno.

Atualmente, são inúmeras as discussões acerca da inclusão e principalmente da alfabetização do aluno surdo em sala de aula regular. Esse motivo se torna de constante preocupação no interior da escola por não haver ainda a conscientização do bilinguismo, que deveria ser inserido não só em sala de aula, mas em todo o âmbito escolar. A importância de não ser somente uma escola inclusiva, mas uma escola bilíngue que tem de atravessar as fronteiras de uma sala de aula, até mesmo de uma instituição de ensino, e alcançar a sociedade.

Esperamos que as ideias aqui apresentadas, somadas a tantas outras já existentes, sobretudo as próprias experiências e depoimentos de alunos surdos, contribuam para a união da teoria e da prática, tornando essa uma das condições para que possamos levar nossos alunos surdos ao pleno desenvolvimento da leitura e escrita, primordialmente e respectivamente na faixa etária correspondente aos demais alunos ouvintes, que se encontram inseridos no mesmo contexto educacional.

Por isso, essa prática precisa ser trabalhada sistematicamente, através da intervenção pedagógica, envolvendo de forma responsável todos aqueles que estão incluídos de maneira responsável, direta e indiretamente nesse processo.

Referência

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acessado em agosto de 2018.

CAMPELLO, A. R. S. Aspectos da visualidade na educação de Surdos. **Tese de Doutorado**. Florianópolis: UFSC. 2008.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a Língua de Sinais e a escrita alfabética. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília: ABPEE, v. 8, n. 2, p. 127-156, 2002.

COLUNISTA. **Portal Educação-Fonoaudiologia**, 2018. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/cultura-surda/12141>. Acessado em agosto de 2018.

DANESI, M. C. **O admirável mundo dos surdos: novos olhares do fonoaudiólogo sobre a surdez**. Porto Alegre, 2001.

FERNANDES, S. F. Educação bilíngue para Surdos: Identidades, Diferenças, Contradições e Mistérios. **Tese de doutorado**. (Letras, Estudos Linguísticos da UFPR). Curitiba, 2003.

KARNOPP, L. Língua de sinais na educação dos surdos. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004, p. 103-113.

KARNOPP, L. Aquisição da Linguagem de Sinais: uma entrevista com Lodenir Karnopp. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. Vol. 3, n. 5, 2005.

KARNOPP, L.; QUADROS, R. M. de. Educação infantil para Surdos. IN: ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. (Orgs.). **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas, 2001, p. 214-230.

KYLE, J. O ambiente bilíngue: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilinguismo para surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidades da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 15-26.

LACERDA, C. B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Caderno CEDES**, v. 19, n. 46, Campinas, p. 1-8, 1998.

_____. A Inclusão Escolar de Alunos Surdos: O que dizem alunos, professores e Intérpretes sobre esta Experiência. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível pelo link: <HTTP://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em janeiro de 2019.

LEBEDEFF, T. B. O povo do Olho: Uma discussão sobre a Experiência visual e Surdez. In: LEBEDEFF, T. B. (Orgs.). **Letramento Visual e Surdez**. Wak Editora: Rio de Janeiro, 2017.

LUTERMAN, D. M., KURTZER-WHITE, E.; SEEWALD, R. C. **The young deaf child**. Baltimore, Maryland: York Press. 1999.

MARQUES, H. C. R.; BARROCO, S. M. S.; SILVA, T. S. O ensino da língua brasileira de sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na Psicologia Histórico-Cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 19, n. 4, p. 503-518, 2013.

MÓNICO, L. S.; ALFERES, V. R.; CASTRO, P. A.; PARREIRA, P. M. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **Atas CIAIQ**. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais (Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales) Volume 3. 2017.

MOURA, M. C. O surdo: caminhos para uma nova identidade. **Tese de Doutorado**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1996.

PERLIN, G. As Diferentes Identidades Surdas. **Revista da FENEIS**. Ano IV, Número 14, Abril/Junho. 2002, p. 15-16. Disponível pelo link: https://issuu.com/feneisbr/docs/revista_feneis_14. Acessado em janeiro de 2019.

PINHEIRO, L. M. **Língua de sinais brasileira: libras I**. São Paulo: Know How, 2010.

RIBEIRO, M. F. C.; SANTO, W. F. E. Libras: língua materna do surdo brasileiro. In: ROSA, S. P. S. *et al.* **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Inclusão**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

QUADROS, R. M. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artmed, 1997.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D. Aquisição das línguas de sinais e a morfologia verbal nas línguas de sinais brasileira e americana. **Anais do I Encontro do Nordeste em Aquisição da Linguagem – I ENEAL – 2005**. (CD)

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; MATHUR, G. O que a aquisição da linguagem em crianças surdas tem a dizer sobre o estágio de infinitivos opcionais? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 2001.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais: Instrumentos de Avaliação** Porto Alegre, Artes Médicas, 2011.

STELLING, Esmeralda e STELLING, Luiz Felipe. A criança é Surda, a família quer

saber. Atual Design: Niterói: RJ. 2016. 139 p.

STUMPF, M. Aquisição da escrita de língua de sinais. Letras de Hoje, 2001, p. 125; 373-381.

_____. Transcrições de língua de sinais brasileira em signwriting. In: LODI, Ana Cláudia B. et al. (Orgs.). Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 62-70.

_____. Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMAS, A. S.; LOPES, M. C. A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004, p. 143-159.

STUMPF, M. R.; RANGEL, G. M. M. A pedagogia da diferença para o surdo. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco; CAMPOS, Sandra Regina Leite de; TESKE, Ottmar. (Org.). Leitura e escrita no contexto da diversidade. 1ed. Porto Alegre: Mediação, 2004, v. 533, p. 86-97.

SKLIAR, Carlos (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: 1998.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis, Editora UFSC: 2008.

Submetido em dezembro de 2018.

Aprovado em maio de 2019.